



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOÃO PAULO GOMES DE SOUSA

**ENTRE O ESPORTE E A TRADIÇÃO: Jogos de poder e luta entre grupos capoeiristas
de Campina Grande (1980-1990)**

CAMPINA GRANDE – PB

2018

João Paulo Gomes de Sousa

**ENTRE O ESPORTE E A TRADIÇÃO: Jogos de poder e luta entre grupos capoeiristas
de Campina Grande (1980-1990)**

Artigo apresentado à Pró-Reitoria de Graduação em Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial á obtenção do título de licenciado em História.

Orientador (a): Prof. Dr. Ofélia Maria de Barros.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725e Sousa, Joao Paulo Gomes de.
Entre o esporte e a tradição [manuscrito] : Jogos de poder e luta entre grupos capoeiristas de Campina Grande (1980-1990) / Joao Paulo Gomes de Sousa. - 2018.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Ofélia Maria de Barros , Departamento de História - CEDUC."

1. História de Campina Grande. 2. Capoeira em Campina Grande. 3. Jogos em educação.

21. ed. CDD 796.13

JOÃO PAULO GOMES DE SOUSA

ENTRE O ESPORTE E A TRADIÇÃO: JOGOS DE PODER E LUTA ENTRE OS GRUPOS
CAPOEIRISTAS DE CAMPINA GRANDE-PB (1980-1990).

Artigo apresentado à Pró-Reitoria de Graduação em Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: Cidade, Memória e Patrimônio.

Aprovada em: 21/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. (Orientadora) Ofélia Maria de Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Alcione Ferreira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Cibelle Jovem Leal
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus familiares: Martins Gomes de Sousa(pai), Maria de Lourdes Sousa(Mãe), aos irmãoS Lusenia, Lusinaldo, Lusenilde, Luzeilda, Luciana, Luciano, Lucinéia, Lucélia, Marta, Joana D'arc, Ana Paula e José Roberto, a minha esposa Cleia e aos meus filhos Felipe Martins, Laisa Pauline e o pequeno João.

In memoria Bianca

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a o General celestial que esta sempre presente em minha vida. Ao Mestre Sabiá, aos professores Gon e Paulo cuscuz que corroboraram e muito para a realização deste trabalho, através dos testemunhos orais; a Júnia, ao professor Faustino, professor Junior e a Professora Manuela. A todos da turma 2007.2 e a os que a ela se juntaram. Aos amigos Jairo lima, Daniel e Celio. A minha irmã Joana D'arc que sempre me incentivou nos estudos.

De modo especial quero destacar a minha orientadora Ofélia Barros, que sempre com muita atenção e dedicação, teve disposição e educação de me ensinar e orientar; aos amigos Flavio Lima, Roberto e Edmilson leite, Elisângela Cely, Silvano nascimento, Arnilson e Robson.

A todos muita paz, luz e Axé nessa empreitada terrestre.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 6 |
| O Nascimento da Capoeira em Campina Grande: movimentos avulsos sem formalidades..... | 10 |
| O surgimento dos Grupos de Capoeira e suas rivalidades..... | 15 |
| Considerações finais..... | 21 |
| Referências Bibliográficas | 23 |

RESUMO:

A capoeira atualmente apresenta contornos bem diferentes daqueles que a originaram. Sua crescente prática, sua inclusão no contexto educacional e a grande investigação acadêmica têm levado esta manifestação a ganhar cada vez mais espaços institucionais. Portanto o objetivo desse trabalho é analisar como se deu o surgimento da capoeira em Campina Grande e quais os caminhos trilhados por ela nas décadas finais dos anos 80 e início dos anos 90. Procura suscitar através dos testemunhos orais a formação dos primeiros grupos de capoeira. Como era a relação desses grupos para com o outro. Quais as dificuldades enfrentadas pelos praticantes e de onde emergiam. Procura compreender quais os motivos que levaram os grupos a se confrontarem nas rodas de rua na cidade de Campina Grande. Percebemos que tais confrontos contribuíram não de uma maneira negativa na projeção e difusão da capoeira campinense, pois essa através dos seus atores sociais que não se limitaram aos embates, procuram aperfeiçoar os seus aprendizados e preencher os espaços antes não abarcados pela capoeira quando adentram as Universidades e Escolas em forma de projetos educacionais no ensino e difusão da cultura-afro brasileira.

Palavras-chave: Capoeira. Pioneirismo. Embates.

INTRODUÇÃO

Alar da prática da capoeira requer uma vasta pesquisa documental. Pois, se por um lado, até meados do século XX essa prática estava registrada, sobretudo nos documentos policiais, e nas manchetes de jornais associada ao crime e a marginalidade, daí para cá essa discussão tem tomado outros contornos, vai desde a validade da prática como modalidade esportiva/educativa/patrimônio, tanto quanto ligada a questões da identidade afro-brasileira no sentido de registrar o seu caráter cultural e enquanto instrumento político de resistência e luta desses segmentos.

Segundo Araújo apud Lussac e Tobino (2009), a capoeira, enquanto prática corporal começou a ser documentada na primeira década do século XIX, no Rio de Janeiro, designando também seu praticante. Antes disso, de acordo com o autor, é possível encontrar a generalização do vocábulo capoeira para nomear tanto o praticante do jogo-luta como também malfeitores, ladrões e bandidos de toda ordem.

Vieira (2004), citando Hermeto Lima, que faz referência aos que denomina de “melhores cronistas” diz que a capoeiragem enquanto luta data de 1770, quando para cá andou o Vice-Rei Marques do Lavradio. Segundo Macedo (1878), o primeiro “capoeira” foi um tenente chamado João Moreira: “o Tenente ‘Amotinado’ que era de prodigiosa força, de ânimo inflamável, e talvez o mais antigo capoeira do Rio de Janeiro, jogando perfeitamente, a

espada, a faca, o pau e ainda de preferência, a cabeçada e os golpes com os pés” (MACEDO, 1878, p.99).

Ainda de acordo com Vieira (2009), o termo “capoeira” para designar luta, ou sujeito, antes da referência acima, inexistia. Pois o vocábulo “capoeira” que é de origem indígena tupi referia-se as matas. A associação do termo indígena ao africano escravizado, possivelmente tenha se originado das experiências de fuga destes em meio às matas, ainda segundo o autor, em decorrência do advento da invasão holandesa no litoral da Bahia e Pernambuco que provocou uma desarticulação no sistema escravista. Associação bastante plausível, haja vista, até hoje, capoeira designar também, mata ou mato, termo bastante usual entre os moradores das áreas rurais do Nordeste brasileiro, e possivelmente também empregado no restante do país.

De antemão, podemos ressaltar que quando tratamos de determinadas práticas culturais e as identificamos como associadas a determinados grupos étnicos e raciais, nesse caso, os africanos trazidos escravizados para o Brasil, não podemos pensar essas práticas como homogêneas, ou uniformes. Isto é, a capoeira enquanto prática cultural associada aos segmentos afro-brasileiros trata-se de uma construção que assim foi sendo definida ao longo de sua história. Pois antes de qualquer coisa é importante ressaltar que esta prática embora tenha sido associada aos segmentos negros ela é resultante de um hibridismo no qual estão associados elementos da cultura, europeia, africana e indígena. Ao longo de um contexto que vai desde o período da escravidão colonial, às lutas pelo fim desse sistema até as resistências e sobrevivências após a abolição, decorrente da exclusão social, política e econômica desses segmentos que se arrastam até os dias atuais.

Por isso mesmo não trataremos da “capoeira” enquanto fenômeno ou patrimônio, mas como prática cultural e suas ressignificações no contexto atual, inclusive no seu uso como modalidade esportiva, que de modo generalizado, perde-se o seu caráter espontâneo e rebelde e torna-se uma prática disciplinada e disciplinadora dos corpos. E é mais especificamente nesse contexto moderno que enfocaremos a prática da capoeira, e que inclusive possui uma história bastante recente, que é a “capoeira campinense”, sua história a partir de suas especificidades, destacando aquilo que ela tem de geral, mas, sobretudo detendo-se no que ela tem de particular. Ou seja, conhecer/registrar a história da capoeira na cidade de Campina Grande-PB, entre as décadas 1980 e 1990.

O presente estudo se justifica entre outras questões por não haver um estudo que trate especificamente da história da capoeira na cidade. Embora nos últimos tempos com a Lei

10.639/03 e 11.645/09 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, a Inserção no Projeto Político Pedagógico do Curso de História da Uepb do componente curricular de História da África, criação do Curso de Especialização em História Afro-brasileira, promovido pelo Neab-i/UEPB/CG e mais recentemente pelo curso de Especialização para as Relações Étnico-Raciais pela UFCG. Muitos estudos tenham sido empreendidos, sobretudo enfocando a importância da capoeira como elemento pedagógico, seja como prática, seja como conhecimento para o estudo da história afro-brasileira. (LISBOA, 2014. LIMA, 2012). Todavia, o registro acadêmico desses passos iniciais e particularizados da prática da capoeira em Campina Grande, estão por ser dados.

Esse misto de dança e luta, brincadeira e ritual, sagrado e profano ou dança de guerra, nomeada de Capoeira, foi ao longo da história definida como prática de criminalidade, arte de resistência, modalidade esportiva e patrimônio cultural.

Embora seja a cidade de Campina Grande marcada pelo hibridismo étnico e racial, não identificamos na cultura local, do ponto de vista mais geral um destaque relevante para elementos que classificaríamos como marcadamente da cultura negra, isto é, terreiros de candomblé¹, grupos de maracatu, frevo e outras práticas culturais ligadas a esses grupos étnicos e raciais. Nesse sentido, acreditamos que seria de grande relevância histórica, política e cultural fazer o registro da história da capoeira na cidade na perspectiva aqui destacada.

A capoeira enquanto prática cultural possui diversos componentes, dentre os quais podemos destacar o seu caráter étnico racial; seu pertencimento religioso, sua dimensão festiva ou profana, seus aspectos de força enquanto luta e sua associação política e ideológica, isto é, enquanto elemento de resistência e identidade. Considerando, essa pluralidade no presente trabalho estamos nos propondo a pensar a história da capoeira na cidade de Campina Grande –PB, dando destaque para as disputas, isto é, as rivalidades que se materializavam em embates, nas rodas de capoeira nos princípios da chegada dessa prática na cidade. Analisando esse “jogo de poder”, pretende-se aqui compreender a dinâmica e o acirramento das disputas buscando perceber o sentido subjacente das mesmas entre os grupos, e qual o papel dessas disputas para a legitimação da prática na cidade. Como hipótese, entendemos as disputas e rivalidades entre grupos, como o aspecto primordial da capoeira, ou seja, o seu sentido mais subjacente, consistindo numa catarse, um momento no qual através do jogo-luta-dança os sujeitos marginalizados externavam suas opressões e frustrações, o que não sabiam e nem

¹ Consultar BARROS (2011) Terreiros Campinenses: tradição e diversidade. Tese de Doutorado, PPGCS, UFCG, Campina Grande – PB, 2011.

deveriam fazer de outro modo. As rodas funcionariam como espaços para exorcizar as energias contidas da revolta e do descontentamento.

Para tanto, empregaremos para a obtenção dos dados a técnica da pesquisa oral e a consulta bibliográfica. Através da coleta de depoimentos dos primeiros praticantes da capoeira em Campina Grande, pretendemos não apenas registrar, mas suscitar novas indagações, pois como dirá Etienne François (2006), na relação entre o historiador e os sujeitos da história, quando se emprega a história oral:

...essa relação diferente daquela que o historiador mantém com uma documentação inanimada, é de certa forma mais perigosa e temível, nem é preciso lembrar: uma testemunha não se deixa manipular tão facilmente quanto uma série estatística, e o encontro propiciado pela entrevista gera interações sobre as quais o historiador tem apenas domínio parcial (FRANÇOIS, 2006, p. 09).

Será, portanto do resultado desta “interação” e do registro dessa memória que tentaremos saber um pouco mais sobre como se deu o processo de formação dos primeiros grupos de capoeira na cidade de Campina Grande; quem eram esses atores sociais; seu pertencimento étnico-racial e religioso; quais os motivos que os levavam aos embates nas rodas de rua tão mencionados em suas falas; como a sociedade local percebia a capoeira e esses embates e quais foram quais as consequências dos mesmos para a prática da capoeira na cidade. Essas serão algumas das questões que nortearam a presente pesquisa, que terá como recorte temporal as décadas entre 1980 e 1990, cujo palco será as rodas de rua que ocorriam na cidade de Campina Grande ao longo desse intervalo de tempo.

O motivo que nos levou a dar destaque às disputas e rivalidades entre os grupos deve-se ao fato, de idealmente imaginarmos o surgimento dos grupos de capoeira na cidade partilhando de um mesmo objetivo pacífico de construção e fortalecimento da prática, buscando sua legitimidade. Todavia, necessariamente não foi esse o caminho trilhado, embora acreditemos que o desejo de construção e fortalecimento da prática fosse o ideal dos envolvidos, os caminhos trilhados para essa legitimidade não foram tão óbvios, assim sendo, destacamos a seguinte questão: **terá sido a rivalidade um caminho não tão óbvio para a legitimidade dessa prática, isto é, as rivalidades, competições e disputas teriam um sentido subjacente reafirmando e mantendo viva o desejo do encontro e do embate e assim dando vida a capoeira? Constituía esses momentos, espaços para extravasar energias de descontentamento.** Considerando tais possibilidades, destacamos qual teria sido o sentido dessas disputas e rivalidades.

O nascimento da Capoeira em Campina Grande: movimentos avulsos sem formalidades.

Aprender Capoeira não é aprender a brigar. É aprender brincando, jogando, lutando e dançando. É a História de um povo que se expressou em movimentos físicos pela necessidade de liberdade. Aprender capoeira é acima de tudo, exercitar-se rumo a liberdade do corpo, da mente e do espírito”.

(Almir das Areias)

Como sabemos a capoeira é uma manifestação/prática cultural que se caracteriza por sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo.

Esse foi um dos enfoques dados pelos realizadores do Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil, realizado entre 2006 e 2007, e que delimitaram como território para a ação e investigação os estados do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, por entenderem que a história desses espaços do território brasileiro estavam marcados por uma presença destacada de escravos na época da colonização. E que essa maior presença do número de indivíduos, sobretudo homens caracterizaria, por sua vez, a manifestação da prática da capoeira.

Chamamos atenção para esse fato, uma vez que a cidade de Campina Grande em tempos idos teve grande aproximação da cidade do Recife, no entanto, nos registros históricos e historiográficos da cidade, nenhuma referência é encontrada com relação a prática da capoeira, que possivelmente tenha ocorrido em decorrência das trocas culturais entre as duas cidades. Teria de fato inexistido qualquer manifestação de capoeira por parte de nossos homens de cor? Ou se houve, foram tão insignificantes que não mereceram registros? Teria a historiografia desviado o olhar de atos, normalmente considerados ilícitos, praticados pelos homens de cor que poderia ser identificado como capoeira? Será que já se esgotou as pesquisas e de fato só podemos falar de capoeira em Campina Grande a partir dos anos de 1980?

Todavia o período que delimitamos para contar a história da capoeira em Campina Grande se resumirá as décadas que vai de 1980 e 1990. Esse recorte foi estabelecido a partir das falas dos praticantes da capoeira que tomam esse período como o marco inicial da prática na cidade. No entanto fica aqui os pontos acima levantados cuja pesquisa deverá ser feita, sobretudo a partir de arquivos policiais, e jornalísticos, empreitada que pretendemos em outro momento seguir.

Por ora falaremos da capoeira na perspectiva dos capoeiristas aqui entrevistados. Nesse sentido, como teve início e como atuou os primeiros capoeiristas na cidade de Campina Grande? Esse primeiro momento ela é praticada de uma maneira “não formalizada”, sem denominação de escola. A capoeira fazia-se presente, mas não existia como grupo propriamente dito, é o que destaca seus praticantes quando interrogados sobre a prática .

Bem, no ano de 1986 quando eu cheguei aqui não existiam grupos de capoeira, o que acontecia era que os estudantes de economia da Universidade Federal da Paraíba, Rildo e Reginaldo, ambos do Acre, que desenvolviam um trabalho em Bodocongó na frente de casa. Davam aulas de capoeira a crianças e realizavam rodas de capoeira uma ou duas vezes por semana. *(Entrevista realizada com o Mestre Sabiá em Maio de 2015)*

Tinha um moço por nome de Reginaldo no bairro de Bodocongó que dava aulas a crianças e a jovens que gostavam da arte, mas tudo sem formalidades. *(Gon, entrevista concedida em maio de 2015)*

Embora não haja registros escritos com referência aos estudantes Rildo e Reginaldo que ensinavam capoeira para as crianças do bairro de Bodocongó, na rua em frente a sua casa, esse registro ficou na memória de muitos da vanguarda capoeiristas campinense. A ação desses jovens mestres capoeiristas junto às crianças e jovens do bairro, sem dúvida merece ser registrada, uma vez que, nesse jogo-luta-brincadeira o elemento agregador e comunitário faz-se profundamente forte, funcionando no contexto das ruas do bairro de Bodocongó possivelmente como deve ter funcionado com outros jovens de rua no período colonial, e que volta sempre a funcionar no contexto da rua e da escola dentre outros, fator que podem os destacar como sendo um dos pontos fortes dessa prática onde quer que ela se manifeste.

A capoeira praticada na década de oitenta e início dos anos noventa em Campina Grande, era no Centro Cultural e na academia Corpo Livre onde hoje funciona a UNESCO. O primeiro batizado realizado por Sabiá foi na academia Corpo Livre no ano de 1989. A capoeira existente antes desses lugares eram movimentos avulsos sem formalidades. Tinha um moço por nome de Reginaldo no bairro de Bodocongó que dava aulas a crianças e a

jovens que gostavam da arte, mas tudo sem formalidades. (Gon, entrevista concedida em maio de 2015).

Além do aspecto livre, lúdico e gregário dessa capoeira realizada por Rildo e Reginaldo, vale destacar o pioneirismo dos dois na história da capoeira campinense.

Quando eu comecei a praticar a capoeira com Sabiá já existiam algumas pessoas que praticavam a arte como é o caso de um cara chamado Brother que dava aulas no Clube das Acácias. Um professor por nome de Reginaldo que era lá de Bodocongó que conduzia um trabalho com crianças e jovens que simpatizavam com a arte que até então era novidade no momento. Mas a presença dos Grupos só se dar mesmo com o mestre Sabiá com o Grupo Badauê de Palmares, professor Toni com o grupo IUNA e o professor VAVÀ com o Grupo ABADÀ capoeira. (Gon, entrevista concedida em maio de 2015).

De acordo com os relatos, a capoeira fazia-se presente, mas não existia como “grupo propriamente dito”, eram “movimentos avulsos sem formalidade”. Isto é, os interessados em praticar se inseriam nos espaços, como academias esportivas, e apresentavam a prática como uma modalidade esportiva. Considerando a lógica das academias esportivas avidas por novidades para agradar o público, acolhiam a prática provavelmente pelo apelo comercial, e em nada remetendo ao caráter cultural, político e ideológico.

A ênfase a inexistência de formalidade destacada na fala de nossos interlocutores, remete ao pressuposto que esses praticantes tinham como referencial um modelo formalizado. Isto é, um grupo, uma escola ou outro tipo de associação possivelmente pertinente à prática da capoeira enquanto modalidade esportiva. Nesses relatos, ressalta-se a ausência, de formalidade, de grupo, de associações, instituição para a necessária realização da capoeira. Não se pensa a capoeira fora desses espaços, como manifestação livre e espontânea. A ideia acima é reforçada e reafirmada, quando em suas falas os capoeiristas mencionam os espaços iniciais onde a capoeira começa sendo praticada na cidade, que são academias esportivas, clubes e ginásios e em contraposição a pouca ênfase dada a capoeira praticada na rua.

.... eu vim para Campina Grande no ano de 1985 e chegando aqui conduzi um trabalho no Teatro Municipal, a principio com dança Afro, posteriormente comecei a ensinar capoeira no Centro Cultural e na Academia Corpo Livre.

Iniciei um trabalho no Teatro Municipal em 1986 esse trabalho foi transferido para o Centro Cultural, onde esta ate hoje. O centro cultural foi o primeiro reduto que registrou a capoeira como instituição. Muitos

dos que frequentavam a academia do Edmilson partiram para outros estados e a academia acabou fechando os poucos que ficaram vinham para o centro Cultural treinar comigo. Um desses frequentadores era o professor Vavá que posteriormente entre os anos de 1987 para 88 conduziu um trabalho no monte santo no Centro Social Urbano CSU. Mesmo Vavá realizando esse trabalho no Monte Santo ele frequentava as aulas no Centro Cultural. *Em entrevista realizada com o Mestre Sabiá em Maio de 2015*

Sabiá, mestre na arte da capoeira e uma das referencias mais destacadas na prática e na divulgação da capoeira na cidade de Campina Grande, relata sua chegada a cidade e o inicio de sua atuação. Segundo o mesmo, seus primeiros passos na capoeira se deu no ano de 1982 na Cidade de João Pessoa, PB, com Claudio Raimundo da Silva conhecido por Mestre Paulista. Em 1985, vem a Campina Grande e tem o primeiro contato com o professor Reginaldo em uma academia de artes marciais que se localizava na rua Cardoso Vieira. Começa então a praticar a capoeira em uma academia que não tinha identificação, sabe-se apenas que o proprietário se chamava Edmilson. E aqueles que gostavam e admiravam a capoeira se encontravam nessa academia para praticá-la. Nesse mesmo ano, inicia um trabalho no teatro Municipal Severino Cabral, no qual ministrava aulas de capoeira e de danças afro brasileira. No ano de 1986 é convidado pela Secretaria Municipal de Cultura do município para realizar um trabalho no Centro Cultural, onde se encontrava até a data dessa entrevista.

De acordo com Sabiá o Centro Cultural é o primeiro espaço na cidade a trabalhar a “capoeira como instituição”. Isto é, supomos que o mesmo se refira ao reconhecimento e tratamento atribuído a capoeira nesse espaço tenha se diferenciado de todos os anteriores. Ou seja, a capoeira passa a ser vista também pelo seu caráter histórico e cultural. Pois antes o que acontecia eram trabalhos informais, sem continuidade e sem registros, onde capoeiristas “avulsos” se encontravam para treinar ou realizar rodas. Segundo o mestre muitos destes capoeiristas frequentaram o Centro Cultural, logo era o único reduto oficial que tinha um número considerado de capoeiristas.

A capoeira em Campina Grande começa com o mestre Sabiá na academia Corpo Livre. Tempos depois Sabiá recebeu uma proposta da coordenadora do Centro Cultural para dar aulas de capoeira aos Sábados e Domingos. O professor Vavá e Toni se reuniam no Monte Santo na capela Santo Afonso para jogar capoeira, pois esses ainda não tinham academia e no inicio por vezes frequentavam as rodas no Centro Cultural com Sabiá. Na época eu treinava no Centro Cultural, mas sempre teve roda na rua, como hoje em dia muitos se

reúnem para jogar capoeira, isso é uma forma de divulgação. A academia é para treino, rodas de rua para a divulgação do trabalho. Muitas rodas eram feitas no Açude Novo bem como nas praças públicas. No açude Novo era um movimento muito bom, tinha muita gente, era como se fosse o Parque da Criança hoje. A gente fazia a divulgação lá. Naquela época não havia capoeira no meio de semana era só sábado e domingo. Não ia muita gente lá para o Monte Santo, pois tinha muita disputa ai quem era novo de capoeira não ia. (*Entrevista com o instrutor Paulo Cuscuz, maio de 2015*)

Dentre esses capoeiristas havia o professor Vavá que com o fechamento da academia do Edmilson passou a frequentar as rodas e aulas no Centro Cultural. Nos anos de 1987/88, o professor Vavá dá início a um trabalho no Centro Social Urbano (CSU) no Monte Santo. Esse trabalho era de cunho social, que reunia crianças e jovens para aprender essa arte que era novidade. Posteriormente Vavá abriu uma filial do Abada Capoeira em Campina Grande.

“a capoeira praticada nas décadas finais dos anos 80 e início dos 90 era no Centro Cultural e na Academia Corpo Livre, local esse que aconteceu o primeiro Batizado de capoeira em Campina Grande no ano de 1989. [...]”

As aulas na academia não vingaram por muito tempo e logo foram cessadas. Um “capoeira” por nome de Djalves, conhecido na sociedade capoeirista como “Brother”, era frequentador das rodas do Mestre Sabiá e realizava um trabalho no Clube das Acácias, mas esse trabalho não resistiu e migrou para outra arte, (GON, entrevista cedida em maio de 2015).

Ao se referirem a história da capoeira em Campina Grande, esses capoeiristas pioneiros dão ênfase à formalidade, ao institucional e a oficialidade. Não podemos desconsiderar o contexto no qual esses praticantes são iniciados na capoeira. Mesmo conhecendo a capoeira na rua ou na escola a continuidade de sua prática, ou seja, para se tornar um praticante, instrutor ou mestre se faz necessário o aprendizado formal, que ocorre nas academias. Uma vez que na medida em que a capoeira se torna uma prática esportiva e passa a ser praticada como ofício, ou modalidade esportiva ela é vinculada a Confederação Brasileira de Pugilismo².

² Em 1972, a Capoeira é declarada “esporte” pelo Conselho Nacional de Desportos, e sua prática, como tal, é regulamentada oficialmente, através da Confederação Brasileira de Pugilismo. Em 1974, é criada a primeira Federação de Capoeira em São Paulo, e em 1984 a Segunda, no Rio de Janeiro. Falta ainda surgir outra, num outro estado para que se possa criar a Confederação Nacional de Capoeira, livrando-a da tutela do pugilismo (FRIGERO, 1989, p.10)

Nascida nas ruas, becos e vielas e tendo como marca o jogo/ brincadeira/ dança/ luta/ataque/ defesa pessoal, a capoeira que era praticada principalmente por homens pobres e de cor, no tempo do Brasil Império não será a mesma que fora trazida para Campina Grande, nem poderia ser, se considerarmos os novos contextos e os novos sujeitos. Estamos querendo dizer com isso, que entre outras coisas essa será uma capoeira ressignificada, ou seja, aparentemente muito mais ligada ao esporte e a competitividade. Isto é, como modalidade esportiva.

Nesse contexto, esses praticantes não pensam a capoeira na sua dimensão política, isto é, como resultado de um histórico de luta e sobrevivência dos povos escravizados. Decorre desse desconhecimento o fato da pouca ênfase dada à capoeira praticada nas ruas, nas rodas. Para se falar da capoeira e atribuir à mesma um status respeitoso é necessário, institucionaliza-la, oficializa-la, disciplina-la prendê-la nas teias da sociedade moderna. Retirar sua rebeldia, transgressão, espontaneidade como dirá Frigero (1989) embranquece-la, se fará necessário.

O Surgimento dos Grupos de Capoeira e suas Rivalidades

Em 1992 eu já com um certo numero de alunos fui a Bahia e me filiei ao Grupo de Capoeira Badauê de Palmares que era liderado pela pessoa do Mestre Nô da Bahia. No mesmo ano o professor Vavá se filiou ao Grupo Abadá Capoeira. Esses são os primeiros Grupos a se firmarem em solo Campinense. Outros grupos se fizeram presente após os nossos. O capoeirista Toni fundou o Grupo IUNA. O capoeirista Sergio se filiou ao grupo Capoeira Brasil. Outro capoeira por nome de Djalves Criou o Grupo Brodher e posteriormente ele adotou o mesmo nome para se. Todos esses Capoeiristas frequentaram as minhas aulas e rodas no Centro Cultural. O Djalves pouco tempo depois deixa de praticar a capoeira e criou uma banda Afro- brasileira, depois deixou também a banda e foi embora de Campina Grande. (Sabiá, entrevista em junho de 2015).

No ano de 1992, o Mestre Sabiá faz uma visita à Bahia e tem contato com o Mestre Nô que o convida para fazer Parte do Grupo Badauê de Palmares e representa-lo na cidade de Campina Grande (A.C.C.B.2004, p.46). Sabiá permanece no grupo até o ano de 2002. Ainda no ano de 1992 o professor Vavá que já frequentava as rodas do grupo Abadá Capoeira em visitas ao Recife filia-se ao grupo e passa a representa-la também aqui na cidade. Desses contatos nascem os dois primeiros grupos de capoeira da cidade. Posteriormente, surgiram

outros grupos, como o grupo Iuna, o grupo Capoeira Brasil, todos segundo Sabiá, liderados por capoeiristas que haviam sido seus alunos e/ou alunos do Mestre Vavá.

Com o surgimento desses grupos (escolas), passa a existir uma “rivalidade”, onde cada uma dessas lideranças tenta legitimar, segundo os mesmos o seu modelo de escola como um padrão a ser seguido. Segundo Sabiá, esse processo provocou uma mudança na capoeira local, ou seja, para Sabiá a “essência da capoeira acabou, e deu visibilidade a sustentação dos grupos e não a arte”. Numa auto crítica Sabiá entende que a criação dos grupos de capoeira resultou numa perda do foco da capoeira enquanto arte, e numa supervalorização das particularidades dos grupos. Ou seja, o aspecto coletivo e agregador da prática deu lugar ao isolamento. É nesse contexto que tem início os embates e disputas como uma forma de fortalecimento e legitimação dos grupos, dentre os quais se sobressaíram o Grupo Badauê de Palmares e o Grupo Abadá Capoeira.

De acordo com o Mestre Almir aprender capoeira não é aprender a brigar, nem desrespeitar o seu companheiro nem tão pouco o seu oponente, na roda você joga o respeitando, mas em um vacilo de ambas as partes alguém vai ao solo. O capoeira tem que ser mandingueiro, sabedor que a qualquer vacilo ele pode ser surpreendido e vencido no jogo, essa derrota ele tem que aceitar com humildade, pois em momento oportuno poderá reverter e surpreender o seu oponente que outrora tenha levado a melhor.

A capoeira na Cidade de Campina Grande é muito jovem se comparada com muitos Estados do Brasil. Enquanto instituição temos como referência de pioneirismo o centro cultural representado pela pessoa do Mestre Sabiá. Esse era o reduto que muitos capoeiristas frequentavam para a prática da arte. Mas é com o surgimento dos grupos que se registram muitos acontecimentos atípicos. Pois antes se praticava a capoeira e se realizavam rodas, mas não existiam confrontos, a não ser um jogo mais duro, um jogo mais pegado, porém ao término todos se confraternizavam, diz o graduado Gon.

Com o surgimento das escolas em especial Palmares e Abadá Capoeira eventos conflitantes constantemente são registrados na mente daqueles capoeiras fundadores da arte em Campina Grande. O Grupo Abada Capoeira concentrava suas atividades no bairro do Monte Santo. As aulas eram realizadas principalmente no Centro Social Urbano (CSU). Enquanto o Grupo Palmares realizava suas atividades no Centro Cultural de Campina Grande localizado ao lado do Parque do Povo.

Paulo Cuscuz (2015) diz o seguinte: O courinho a seguir era cantado sempre que chegava um capoeirista de outro grupo e não ia jogar, mas ficava observando para depois sair

comentado ou as falhas ou o jogo bonito dos capoeiras. Era uma maneira de chamar a atenção dele e mostrar para os demais que um intruso estava se aproximando e observando suas técnicas, sua maneira de jogar a capoeira.

Xô, xô corujão

Xô, xô corujão

Coruja não joga só presta atenção

Xô, xô corujão

Xô, xô corujão

Coruja não joga só presta atenção

Constantemente esses grupos realizavam rodas a céu aberto. Essas rodas serviam como divulgação dos trabalhos realizados por esses grupos. As rodas aconteciam geralmente aos finais de semana e em feriados. Elas ocorriam no antigo Abrigo Maringá, na escadaria do Porque do povo, no Açude Novo e na Praça da Bandeira. Esse último foi palco do maior confronto já acontecido entre Palmares e Abadá no ano de 1993

Os conflitos tiveram início com as rodas a céu aberto. Os lugares que aconteciam as rodas eram vários; aconteciam no Parque do Povo, na Praça da Bandeira e no antigo Abrigo Maringá, esses eram lugares que constantemente aconteciam as rodas abertas. As rodas abertas qualquer um de qualquer grupo poderia entrar e jogar. Começava o jogo e logo começava o confronto. No meu entendimento esses confrontos aconteciam talvez por uma questão política dos grupos, uma disputa entre os alunos, cada um tentando se “afirmar” ou “legitimar” o seu grupo perante os demais, mas isso mudou. Muitos já iam com o intuito dos confrontos outros esquentavam a cabeça por um jogo mais duro e assim por diante. *(Entrevista com Gon, maio de 2015)*

Muitos foram os confrontos, logo as rodas poderiam ser abertas ou fechadas. “Rodas abertas” qualquer capoeirista de outros grupos poderiam participar; “rodas fechadas” só poderiam participar membros de uma mesma escola, sendo assim quando um capoeira resolvia entrar em uma roda fechada de divulgação os confrontos eram inevitáveis. Como diz o instrutor Paulo Cuscuz em entrevista realizada em maio de 2015:

Na época eu treinava no Centro Cultural, mas sempre teve roda na rua, como hoje em dia muitos se reúnem para jogar capoeira, isso é uma forma de divulgação. A academia é para treino, rodas de rua para a divulgação do trabalho. Muitas rodas eram feitas no Açude Novo bem

como nas praças publicas. No açude Novo era um movimento muito bom, tinha muita gente, era como se fosse o Parque da Criança hoje. A gente fazia a divulgação lá. Naquela época não havia capoeira no meio de semana era só sábado e domingo. Não ia muita gente lá para o Monte Santo, pois tinha muita disputa aí quem era novo de capoeira não ia.

Alunos fomentavam esses confrontos, levando para os seus mestres mensagens muitas vezes distorcidas, como bem diz o Mestre Sabiá: esses conflitos aconteceram de certo modo pela influência de muitos alunos que instigavam os enfrentamentos. “Eles alimentavam boatos que desabonavam a imagem e a qualidade do grupo, isso de ambas as escolas”. Pode-se perceber que tudo começava nos bastidores das rodas e quando essa acontecia a satisfação era tomada no próprio jogo e não na área discursiva.

Gon, como é conhecido no mundo da capoeira, diz que de certa forma esses conflitos passavam uma imagem negativa para sociedade, pois já existia todo um preconceito, bem como afastavam alunos. Mestre Sabiá fala que acontecia de um ou outro se afastar, mas esses embates influenciavam positivamente muitos alunos que queriam se dedicar mais a arte, se aprofundando, aperfeiçoando seus movimentos e golpes. Sentimento esse bem analisado por Bernardo Veloso Conde ao falar sobre os enfrentamentos das Maltas no Rio de Janeiro:

Esses conflitos parecem ter tido um papel importante como um elo na estruturação desses grupos; o sentimento de pertencimento sinalizado pela atribuição de roupas, cores, modos de usar o chapel, condutas, ou seja, todo um ethos que se abriu para a produção de singularidade das maltas, tanto no que diz respeito a sua imagem perante a sociedade, quanto em relação a sua auto-imagem (Conde, 2007, p.49).

Para Cuscuz, os confrontos prejudicavam a visibilidade da capoeira e os primeiros a serem afetadas eram as crianças, possivelmente em sua interpretação pelo afastamento das mesmas, ou pela influencia negativa da violência nos embates. “Mas hoje tudo é diferente, pois a capoeira anda conjuntamente com a educação e na formação dessas crianças” (Entrevista concedida em junho de 2015)

A filosofia traduzida nas palavras do Mestre Mao Branca são regras para um capoeirista conduzir sua vida tanto na pratica da capoeira, como no seu cotidiano, em meio a sociedade independentemente do grupo que faz parte, status ou classe social, mas o que presenciamos nos anos iniciais da década de 90 do século passado foi uma sublevação no que diz respeito a capoeira. As rodas a céu aberto eram palcos para os enfrentamentos. Muito das rodas mal começavam e já terminavam na pancadaria. Era época de afirmação dos grupos na cidade, onde cada um defendia o estilo ideal a ser seguido e nada melhor que uma roda de rua para testar o que tinha aprendido durante as aulas e conseqüentemente conquistar

espaços perante os demais grupos. Para Sabiá não era uma questão pessoal, era uma questão de grupo contra grupo e não deveria ter sido assim. (Gon entrevista maio de 2015).

Vejo uma semelhança, embora que em proporções menores, com o que acontecia no Rio de Janeiro com as Maltas. Velloso, (2007), “[...]. a disputa de territorialidade entre as Maltas, associados às afinidades culturais e ao esquecimento de um passado histórico, promoveu um fortalecimento da unidade dos diversos grupos pela eleição de seus inimigos”. Percebe-se que esses conflitos fortaleciam esses grupos como instituição, despertando um sentimento de pertencimento dos seus integrantes.

Um evento em especial que nos chama a atenção, foi uma roda realizada na Praça da Bandeira no ano de 1993, ocasião essa que o Grupo Abada conduzia o andamento da roda de capoeira, tudo fluía bem, mas ai chegaram integrantes do Grupo Palmares acompanhados pelo Mestres Sabiá. Faziam-se presentes na roda o Mestre Papagaio do Recife que estava em visita, e professor Vavá, ambos do Abadá Capoeira. Da Palmares o Mestre Sabiá, Gon e Paulo Cuscuz. Estes últimos já não fazem mais parte da Palmares, estão a mais de 15 anos no Abadá Capoeira.

Com a presença inusitada dos capoeiras Palmares a roda ganha mais axé, como dizem os capoeiristas quando ela está muito animada. Daí Abadá e Palmares na roda, mal começa o primeiro jogo inicia-se a “troca de pancadas” que são rememoradas nos depoimentos daqueles que participaram do evento.

“Eu estava dando aula no Centro Cultural num sábado à tarde quando um aluno entrou e falou: Mestre tá tendo uma roda na Praça da Bandeira do Grupo Abadá e quem está ai é o Mestre Papagaio do Recife e disse se vocês são capoeira venham pra roda”. Eu não pensei uma nem duas vezes, juntei os meus alunos e os levei pra Praça, chegando na roda botei os meus alunos pra jogar, aluno contra aluno e eu tocando Berimbau, foi quando eles começaram a usar as mãos. Os alunos trocavam tapas e socos. Aí eu fui pedir ao Mestre do Recife: - rapaz peça para o seu pessoal jogar capoeira, o pessoal não tá jogando capoeira. Ele disse: - larga o berimbau e vem jogar capoeira. Não contei conversa, larguei o berimbau me peguei logo com ele e foi aquele quebra-quebra. Capoeirista correndo pra todo lado. Era aluno correndo em direção ao Monte Santo onde ficava a sede do grupo Abadá, outros iam em direção à rua Treze de Maio, com o intuito de chegarem ao Centro Cultural reduto dos Palmares. Chamaram a Polícia Militar que conduziu eu e meus alunos como também integrantes do grupo Abadá para prestar esclarecimentos. Mas não ficou ninguém preso. (Entrevista com mestre Sábina, maio de 2015)

De acordo com o mestre Sabiá, esse embate foi marcante em sua vida e na vida de muitos capoeiristas daquela época. “Isso foi uma coisa muito ruim pra ele e pra Capoeira”.

Chegamos lá a roda já estava rolando, a música era um são Bento. Assim que chegamos fomos participando, o Mestre Papagaio chamou o Mestre Sabiá pra jogar, já havia rolado um jogo duro com uns companheiros nosso. Sabiá se agachou ao pé do berimbau ai Papagaio já começou dando uma entrada em Sabiá que o agarrou e saíram rolando pelo chão, momento esse que um aluno de Vavá dá um chute em Sabiá que ainda estava no chão com Papagaio, ai começa o “pau”, berimbau na orelha de nego, pandeiro voando pra todo lado, atabaque quebrando nas costas de gente. Tinha um orelhão telefônico perto e o Mestre papagaio quando saiu correndo bateu a cabeça nele. Os nego foi correndo pra casa. Foram alguns minutos de peia. Foi uma confusão danada, uns foram conduzidos pela Policia Militar para prestar declaração, mas não ficou ninguém preso, depois foi bom só os comentários. Hoje em dia evitamos muito esse tipo de coisa logo fazemos uma capoeira educativa e que está presente no cotidiano da sociedade campinense. (Entrevista com o instrutor Paulo Cuscuz, junho de 2015)

Notamos que não apenas as dificuldades em termos logísticos, na falta de material para conduzir as aulas em ambos os grupos que esse pessoal enfrentou, pois como bem ficou claro durante a pesquisa eram muitas as dificuldades enfrentadas por esses capoeiras, bem expressas nas palavras de Paulo Cuscuz que em entrevista em Maio de 2015 nos falo sobre as dificuldades enfrentadas;

Para Sabiá e os demais capoeiristas entrevistados, a capoeira nesse momento perde a sua essência porque não é uma disputa em prol da capoeira e sim de defender a bandeira de cada escola com o objetivo de mostrar para os demais e conseqüentemente para a sociedade qual a “melhor”. “Embora muitos da sociedade vendo aquilo não tenham entendido, mas o objetivo real naquele momento era esse”.

Se por um lado a capoeira perdia o seu sentido maior de agregar, através de viés político e cultural, por outro se percebia uma corrida em busca de conhecimento e do aprimoramento da técnica através da incorporação de novos golpes e da intensificação dos treinamentos. Nesse sentido, percebe-se claramente um encaminhamento em direção a uma profissionalização. Isto é, não é mais uma capoeira realizada nas horas vagas, como diversão, brincadeira e entretenimento. A capoeira passa a ser vista como “coisa séria”, que necessita de dedicação integral, disponibilidade do praticante para exercê-la; domínio de técnica, aprimoramento. Em contrapartida, como essas pessoas que ante apenas “gostavam” da capoeira agora vão passar a lidar com essas novas exigências, como vão lidar com as outras dimensões de sua vida, como a sua manutenção material por exemplo.

Desse ultimo desdobramento, identificamos atualmente antigos mestres de capoeira, isto é, pioneiros da capoeira em Campina Grande envolvidos numa capoeira voltada para a

educação escolar. Embora ressignificada, porém integrada a um forte instrumento de formação que é a educação e a escola.

Considerações Finais:

Atualmente em Campina Grande a capoeira é praticada nas 120 escolas municipais, através do Projeto Capoeira nas Escolas³. O Mestre responsável por esse projeto é o Mestre Pequeno do Grupo Terra Firme com Matriz no estado do Rio de Janeiro. Esse projeto além de contribuir na formação educativa das crianças fez com que os grupos de capoeira bem como os seus líderes tivessem uma aproximação, possibilitando que certas rivalidades fossem repensadas e que tal postura diante da sociedade era desnecessária, pois além de fragmentar a capoeira deixava uma imagem de certa forma negativa.

Como elemento ativo da dinâmica cultural, a capoeira hoje em dia, apresenta contornos bem diferentes daqueles que a originaram. Sua crescente prática, sua inserção no contexto educacional e a grande investigação acadêmica, têm levado esta manifestação a ganhar, cada vez mais, espaços institucionais, sendo considerado um importante instrumento para o conhecimento e análise de aspectos relacionados à história da população e cultura afro-brasileira. Isto é, a nossa história. A história do Brasil.

Os resultados alcançados são percebidos nos espaços que a capoeira ocupa atualmente, pois a busca pela legitimação dos grupos fez com que eles se fortalecessem e se firmassem enquanto instituição. Os mestres que conduziam os trabalhos não se limitaram apenas nos embates, mas no aprimoramento das técnicas e na maneira de transpor esses conhecimentos sempre em busca de uma didática que facilitasse o aprendizado, resultado tamanho que hoje a capoeira se encontra nas escolas, sendo ferramenta para o convívio e o conhecimento da história e cultura afro-brasileira.

Nesse contexto espero ter dado a parcela de contribuição embora que de proporção pequena nesse vasto universo de mistérios que nos aguça cada vez que adentramos intuitivamente nas investigações a respeito da capoeira, pois a capoeira é uma sociedade dentro da própria sociedade com toda sua engrenagem que para entendermos por completo trabalhos como estes estarão longe de abranger sua totalidade, mas espero, mesmo que de uma maneira tão resumida ter respondido as questões levantadas ao longo da pesquisa e

³ Dado fornecido por Mestre Sabiá em entrevista no ano de 2015)

consequentemente ter contribuído com a divulgação e compreensão da arte da capoeira em especial na Cidade de Campina Grande na década de 80 e 90 do século passado.

Por fim, longe dos holofotes de toda forma de segregação, a capoeira rompe barreiras, transpõem montanhas sem tamanho, quebra paradigmas até então existentes. A capoeira educa e transforma, eleva o sujeito a um êxtase porque isso vem de dentro pra fora do indivíduo. Como bem diz o Mestre Sabiá: “eu vivo pra capoeira e vivo da capoeira. Capoeira pra mim é tudo, é o ar que eu respiro, é a minha vida, é minha filosofia de vida” (entrevista realizada em Maio de 2015).

A capoeira se faz presente também nas escolas pelo Projeto Capoeira nas Escolas do Governo Federal o qual através da capoeira é ensinado à cultura afro-brasileira. Ela foi inserida no currículo pela Lei 11.645/2008 que se refere à abordagem do ensino de História da Cultura Afro-Brasileira.

Com essas conquistas se faz necessário uma corrida pelo aperfeiçoamento e uma excelência no transpor dos conhecimentos para os alunos, pois do contrário a capoeira cairá no esquecimento, logo o tradicional não é atrativo, temos que procurar métodos e técnicas que agucem a vontade de aprender do educando e o que aconteceu na década final do século passado era justamente a falta do amadurecimento enquanto uma capoeira educativa na transposição do conhecimento para seus alunos. Dessa maneira é preservando as práticas e as tradições, desse modo não deixaremos a capoeira e sua história caírem no esquecimento.

ABSTRACT

Capoeira currently has very different contours from those that originated it. Its growing practice, its inclusion in the educational context and the great academic research have led this manifestation to gain more and more institutional spaces. Therefore, the objective of this work is to analyze how the emergence of capoeira in Campina Grande occurred and what paths it pursued in the final decades of the 1980s and early 1990s. It seeks to elicit from the oral testimonies the formation of the first capoeira groups. How was the relationship of these groups to each other. What difficulties did practitioners face and where did they emerge from? It seeks to understand the reasons that led the groups to confront each other on the street wheels in the city of Campina Grande. We realize that such confrontations have contributed not in a negative way to the projection and diffusion of Campinense capoeira, since this through its social actors who were not limited to the attacks, seek to perfect their learning and fill the spaces previously not covered by capoeira when they enter the Universities and Schools in the form of educational projects in the teaching and diffusion of Afro-Brazilian culture.

Keywords: Capoeira. Pioneering. Crashes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CAPOEIRA BADAUÊ. **Capoeira-Mestre Sabiá-** Campina Grande, 2004.
- BARROS, Ofélia Maria. **Terreiros Campinenses: Tradição e Diversidade.** 2011. 201 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.
- CONDE, Bernardo Veloso. **A Arte da Negociação: a Capoeira Como Navegação social** – Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2007.
- DOSSIÊ IPHAN 12. Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira, 2017. www.capoeira.gov.br/noticia/ler/21. Acessado em maio de 2018.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral In: **Usos e abusos da história oral**, (org.) FERREIRA, Marieta de. AMADO, Janaína. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8 ed 2006.
- FRIGERO, Alejandro. De arte negra a esporte branco. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 10, Vol. 04, 1989.
- LUSSAC, Ricardo Martins Porto; TUBINO, Manoel José Gomes. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. **Revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá**, v. 20, n.1, p. 7-16, 2009.
- MACEDO, Joaquim Manoel. **Memórias da Rua do Ouvidor.** Rio de Janeiro: Perseverança, 1878.
- VIEIRA, Sérgio Luiz de Sousa. **Da Capoeira: como patrimônio cultural.** 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004. <https://abadarodos.wordpress.com/informacoes/sobre-mestre-camisa>. Acessado em 17 de Maio de 2018). www.cangolapalmars.blogspot.com.br. Acessado em 16 de Maio de 2018). Abadacampinagrande.blogspot.com/p/nossa_historia.html. Acessado em 17 de maio de 2018.